

PERCEPÇÕES DE PUÉRPERAS ADOLESCENTES FRENTE À ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO ALOJAMENTO CONJUNTO

ADOLESCENT PUERPERA PERCEPTIONS CONCERNING NURSING CARE IN ROOMING-IN FACILITY

PERCEPCIONES DE PUÉRPERAS ADOLESCENTES ACERCA DE LA ASISTENCIA DE ENFERMERÍA EN EL ALOJAMIENTO CONJUNTO

LÍBNE LIDIANNE DA ROCHA E NÓBREGA¹

FERNANDA PATRÍCIA FERNANDES BEZERRA²

O presente estudo objetivou conhecer percepções de puérperas adolescentes sobre a assistência da enfermagem no Alojamento Conjunto (AC). Pesquisa exploratória, qualitativa, realizada em uma maternidade filantrópica em Mossoró-RN, mediante entrevistas semi-estruturadas efetuadas com 10 puérperas adolescentes, em julho de 2009. Os dados encontrados sobre a assistência de enfermagem no AC foram organizados em categorias que, ora se referem a concepções positivas sobre atividades da enfermagem, sobretudo, à administração de medicamentos, e ora expressam a ausência do acompanhamento profissional e o desejo de um lugar exclusivo para mães adolescentes. Conclui-se que há sentimentos de ambigüidade entre as puérperas, o que pode estar associado à necessidade de uma assistência sistematizada da enfermagem no AC, à pouca experiência das adolescentes e às incertezas surgidas com a vivência do período puerperal.

DESCRIPTORES: Comportamento do Adolescente; Alojamento Conjunto; Cuidados de Enfermagem.

The present study intended to know perceptions of puerpera adolescent about nursing care in Rooming-in facility (RI). This exploratory research, of a qualitative approach, was done at a philanthropic maternity hospital in Mossoró, RN, through semi-structured interviews with 10 parity adolescents in July, 2009. The found data about nursing care in RI were organized by categories that are sometimes relative to positive conceptions about nursing care, mainly to the drug administration, and sometimes they express the absence of professional monitoring and the wish of a private place to the adolescent mothers. It follows that there are ambiguity feelings among the puerpera adolescents that can be associated to the necessity of a systemized nursing care in RI, to the little experience of the adolescents and to the uncertainties of puerperal period.

DESCRIPTORS: Adolescent Behavior; Rooming-in Care; Nursing Care.

El presente estudio planteó como objetivo conocer percepciones de puérperas adolescentes sobre la asistencia de enfermería en el Alojamiento Conjunto (AC). Investigación que utiliza abordaje exploratorio, cualitativo, realizada en una maternidad filantrópica en Mossoró-RN, a través de entrevistas semiestructuradas, efectuadas con 10 puérperas adolescentes en el mes de julio del 2009. Los datos encontrados sobre la asistencia de enfermería en el AC fueron organizados en categorías que, en algunas ocasiones se refieren a concepciones positivas sobre actividades de la enfermería, sobre todo, a la administración de medicinas y, en otras ocasiones expresan la ausencia del acompañamiento profesional y el deseo de un sitio exclusivo para madres adolescentes. Llegamos a la conclusión de que hay sentimientos de ambigüedad entre las puérperas, que pueden estar relacionados a la necesidad de una asistencia sistematizada de la enfermería en el AC, a la limitada experiencia de las adolescentes y a la incertidumbre surgida con la vivencia del periodo puerperal.

DESCRIPTORES: Conducta del Adolescente; Alojamiento Conjunto; Atención de Enfermería.

¹ Enfermeira. Especialista em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte — UFRN. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFRN. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte — UERN. Av. Abel Coelho, 41, Abolição II, 59.611-300. Mossoró-RN. Brasil. E-mail: libnelidianne@ig.com.br.

² Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial I de Açu-RN. Brasil. E-mail: fernandapfb@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A adolescência é delimitada pela Organização Mundial da Saúde como sendo o período entre 10 e 19 anos de idade. Não obstante, sabe-se que na vida concreta e na experiência individual, as fronteiras não estão organizadas de um modo homogêneo e fixo⁽¹⁾. Assim, conclui-se que a fase não condiz exclusivamente com uma transição cronológica, devendo, principalmente, ser visualizada em suas nuances situacionais individuais e coletivas relacionadas com elementos sociais, culturais, econômicos e subjetivos.

Cientes desta compreensão sobre adolescência, segue-se mencionando que a análise do perfil de morbidade deste segmento populacional tem revelado a presença de doenças crônicas, transtornos psicossociais, fármaco-dependência, doenças sexualmente transmissíveis e problemas correspondentes à gravidez, parto e puerpério⁽²⁾.

Com relação à gravidez, ressalta-se que ela implica em significativas repercussões na vida das adolescentes, que muitas vezes, não se encontram preparadas para assumir de forma eficaz o papel de mulher, mãe e esposa, pois, a ocorrência da gestação, além de ser precoce, é geralmente, não desejada ou não planejada⁽³⁾.

Por conseguinte, no puerpério, período em que a adolescente vivencia as primeiras demandas da maternidade, amamentação, banho e cuidado com o coto umbilical do RN, e a necessidade de seu próprio auto-cuidado, passam a se destacar particularidades desta experiência que estão relacionadas à influência de elementos psicológicos, emocionais, fisiológicos e sócio-culturais que transitam de forma peculiar pela vida de uma mãe adolescente. Disto resulta a demanda de que a enfermagem na assistência puerperal desenvolvida no Alojamento Conjunto (AC), conheça e atenda adequadamente, às necessidades de cuidados individuais e grupais voltados à jovem mãe e a sua família.

Assim, observa-se que a experiência da maternidade na adolescência, atrelada às mudanças próprias

da fase, pode levar, em muitos casos, a modificações socioculturais inesperadas na vida da jovem. Visualiza-se uma construção que está baseada em aprendizados e dificuldades e que mostra um amadurecimento e representação materna constituída diariamente, entre erros e acertos, fazendo com que as adolescentes desejem a maternidade e o cuidado do filho, porém, precisem se habituar às abdições e ambivalências inerentes a ambas⁽⁴⁾.

Neste sentido, é preciso enfatizar que sejam aproveitadas as oportunidades em que se estabelece o contato da adolescente com os serviços de saúde, tal como acontece durante o atendimento puerperal no AC em maternidades, a fim de se tentar conhecer e encaminhar adequadamente as demandas individuais e grupais de cuidados e orientação à jovem mãe e a sua família, em relação à saúde pós-parto e à vida depois do nascimento do bebê.

O AC consiste, então, num “sistema hospitalar em que o recém-nascido sadio, logo após o nascimento, permanece ao lado da mãe, 24 horas por dia, num mesmo ambiente, até a alta hospitalar”^(5:5), propiciando a realização dos cuidados assistenciais fundamentais ao RN, tais como: controle térmico, controle das infecções, promoção do aleitamento natural, estímulo do fortalecimento do elo mãe-filho, dentre outros, além da orientação à mãe sobre a saúde do binômio mãe e filho.

Neste sentido, percebe-se o AC como um local importante no qual a enfermagem deve dar continuidade às ações que estavam sendo desenvolvidas no período pré-natal, promovendo a orientação adequada e garantindo uma maior segurança à puérpera adolescente no que se refere à realização dos cuidados nesta fase pós-parto.

Assim, muito além de ser apenas um espaço para a permanência do binômio mãe-filho entre 24 e 48 horas, sendo realizadas técnicas rotineiras em relação à mulher que pariu, o AC é um ambiente em que a interação entre mãe e filho deve ser incentivada para que ocorra naturalmente. Porém, de forma

acompanhada, particularizada e voltada para a conscientização da importância do cuidado integral que deve estar articulado, inclusive, com o nível primário de atenção à saúde, e assistindo-se à mulher, em específico, à adolescente, não só em seus aspectos fisiológico-puerperais, mas também, emocionais e sócio-culturais, resgatando-se ainda a importância do envolvimento da família neste contexto assistencial.

No AC, a enfermagem deve exercer, então, juntamente com os outros profissionais da saúde, ações concernentes a esse cuidado voltado para mãe e filho, sendo responsável, principalmente, pela educação no que se refere ao incentivo à amamentação, aos cuidados com o recém-nascido, assim como por fornecer o apoio que a puérpera e o RN necessitam naquele momento⁽⁵⁾, esclarecendo-se dúvidas e orientando a mãe quanto às consultas de Crescimento e Desenvolvimento, vacinação e planejamento familiar que deverão ser realizadas posteriormente.

Em Mossoró-RN, uma maternidade de caráter filantrópico é referência para as gestantes deste município e circunvizinhanças, incluindo ainda algumas cidades do Estado do Ceará, sendo utilizada como campo de aulas práticas por disciplinas do curso de graduação em enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o que permitiu a uma das autoras, enquanto acadêmica, aproximar-se desta realidade. No AC, mãe e filho têm oportunidade de fortalecer o vínculo entre si, sendo a enfermagem elemento que pode favorecer a promoção da saúde das usuárias junto a sua família, por meio da assistência desenvolvida.

Por isso, frente à menção deste preâmbulo, surgiu a necessidade de se questionar: Quais as percepções das puérperas adolescentes sobre a assistência de enfermagem que vem sendo desenvolvida no Alojamento Conjunto?

E, a partir dessa indagação, visualizou-se como objetivo do estudo: conhecer percepções de puérperas adolescentes sobre a assistência da enfermagem no Alojamento Conjunto.

METODOLOGIA

A referida pesquisa é do tipo exploratória e de abordagem qualitativa entendida como sendo aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais⁽⁶⁾.

Foi realizada no Alojamento Conjunto de uma maternidade de caráter filantrópico localizada em Mossoró-RN e, que atende diariamente à população mossoroense e de cidades circunvizinhas, em horário integral.

Participaram da pesquisa, 10 puérperas adolescentes na faixa etária entre 15 e 19 anos, internadas no AC da referida maternidade. A coleta de dados foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturada, contendo questões abertas sobre como ocorre a assistência de enfermagem e como a mesma pode ajudar às mães adolescentes na maternidade. Foi utilizado o MP4 extralife, com a autorização das depoentes, como recurso para a gravação das entrevistas.

A coleta ocorreu no mês de julho do ano de 2009 e teve início somente após recebimento do parecer favorável n. 166/09 de 07/07/2009, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Assim, foram respeitados os preceitos éticos vigentes na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta pesquisas com seres humanos.

Após transcrição, os dados obtidos durante as entrevistas com as puérperas foram lidos exhaustivamente e trabalhados, destacando-se suas idéias-centrais, frases e palavras-chaves, e daí, sendo organizados por categorias a fim de se viabilizar a análise e compreensão dos discursos emitidos e de dar respostas à pergunta e ao objetivo da pesquisa, confrontando-se o conteúdo das categorias encontradas com a literatura pertinente ao tema em estudo.

Assim, a partir dos discursos emergentes, em que as adolescentes expuseram suas percepções sobre a assistência de enfermagem no AC, surgiram

como categorias: Tratam bem, dão remédio na hora certa; Ausência do apoio profissional; Deveria ter um lugar só para mães adolescentes.

Ressalta-se que foram escolhidos nomes de borboletas, como pseudônimos para garantir o anonimato das entrevistadas, fazendo uma alusão às transformações próprias da adolescência, bem como ao novo papel de ser mãe, o que proporciona mudanças na vida da adolescente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tratam bem, dão remédio na hora certa

As atitudes demonstradas pelos profissionais de enfermagem no âmbito da assistência desenvolvida no AC repercutem de forma positiva na visão das entrevistadas. O contato interpessoal entre profissionais e pacientes, faz com que, de certo modo, as necessidades das últimas sejam atendidas, o que pode ser percebido por meio das falas: *Tudo que a gente precisa elas fazem, cuida da higiene da gente, troca lençol, manda tomar o banho, vem toda vida uma mulher limpar a sala* (Geminha). *Elas tratam bem, não são abusadas, chamam a gente pelo nome, atendem bem a pessoa* (Oriental). *Sempre vem aqui dar o banho, pergunta se está sentindo alguma coisa, nas horas do remédio elas vêm, quando eu cheguei, veio uma enfermeira examinar pra saber se eu tinha colostro* (Parides).

O período de pós-parto é considerado pela mulher, como sendo um momento especial, em que a mesma precisa se cuidar, oferecer cuidados ao filho e evitar complicações, buscando conforto e bem-estar. A fase puerperal é um momento importante da vida da mulher, pois, esta última passa não só por mudanças biológicas, mas, também por transformações de ordem subjetiva.

Assim, nota-se que as adolescentes consideram satisfatório o atendimento de enfermagem, ao mencionarem o encaminhamento quanto à higiene, a preocupação com relação ao conforto e a algum sintoma surgido, o exame das mamas para o processo de lac-

tação e as medicações na hora certa. O atendimento de enfermagem referido tenta suprir algumas necessidades básicas da puérpera.

Porém, é necessário relatar que a ênfase dada ao exame das mamas, ao banho e às medicações, por sua vez, pode tornar restrito o levantamento de demandas específicas de cada puérpera adolescente. Na verdade, a assistência de enfermagem no AC precisa ser planejada para que ocorra de forma sistematizada, organizada, fundamentada cientificamente e de acordo com as particularidades de cada mulher.

É oportuno citar, então, que a enfermagem tem se preocupado por desenvolver um método de trabalho adequado que se ajuste ao seu campo e que também sirva como base científica e teórica. O método que tem contribuído para este avanço é a introdução do Processo de Enfermagem (PE)⁽⁷⁾. O processo de enfermagem abrange uma sequência de etapas (levantamento de informações multidimensionais sobre o estado de saúde, determinação das situações que demandam intervenções de enfermagem, planejamento das intervenções necessárias, implementação e avaliação das intervenções), objetivando atender ao cliente — indivíduo, família ou comunidade, de forma a contemplar suas singularidades e de modo ampliado⁽⁸⁾.

Infere-se, portanto, que a assistência a ser executada no puerpério, vai além do banho, troca de lençóis e administração de medicações prescritas e que o PE pode ser útil como forma de levantar as prioridades de atenção de cada puérpera, de diagnosticar precocemente, possíveis problemas, como as hemorragias, infecções, dificuldades de amamentação e depressão pós-parto, entre outras, e por fim, de pensar em um plano de intervenções dinâmico que contribua com a recuperação e a promoção da saúde da adolescente.

Por conseguinte, compreende-se também que devem ser assegurados, momentos de escuta qualificada, de atenção individual e em grupos, em que as adolescentes possam conversar, trocar dúvidas e experiências e serem estimuladas a fortalecer o elo com o bebê e sua família e a discutirem projetos de vida.

Particularmente, entende-se o grupo no campo da atenção à saúde, como um lócus que reúne as várias dimensões da vida humana, a social, a subjetiva e a biológica⁽⁹⁾. Então, faz-se adequado afirmar que a realização do trabalho com grupos no AC pelo enfermeiro, além de dar continuidade à participação das mulheres na dinâmica da educação em saúde, pois, muitas já participaram alguma vez deste tipo de atividade enquanto gestantes, em clínicas, ambulatorios e/ou unidades de saúde, constitui-se também em espaço para que as jovens puérperas descrevam seus sentimentos, socializem e discutam seus conhecimentos e práticas e sejam estimuladas a conduzirem o pós-parto de forma saudável para elas e o RN.

Mais à frente, outras puérperas relatam novamente o fato de receberem a medicação no horário certo, como de bastante relevância para qualificarem essa assistência. *Elas vêm olhar o bebê, dar banho nele, toda hora vem olhar como a gente tá, na hora certa vem dar o remédio* (Flambeau). *Dá a medicação na hora certa* (Lua). *Elas vêm aqui poucas vezes, mas, vêm mais assim na hora de dar o remédio* (Atlas).

A partir da vivência das adolescentes, observa-se que os profissionais de saúde executam uma prática assistencial limitada a ações técnicas e fragmentadas, o que oferece dificuldades à percepção da abrangência do período pós-parto e dos cuidados que o mesmo demanda. Na verdade, constata-se que no Brasil, a assistência à mulher no período da gravidez e do puerpério ainda está centrada no modelo biomédico, que fragmenta o ser humano⁽¹⁰⁾.

Assim, verifica-se que o desenvolvimento de ações pontuais, como a administração de medicamentos e o banho do bebê, por exemplo, de forma fragmentada e voltada apenas para a concretização da técnica em si, demonstra uma assistência que expressa uma visão curativa, em que o diálogo e a promoção à saúde ficam em segundo plano, como se percebe a partir dos diálogos citados anteriormente e das falas a seguir: *O que elas fazem é vir na hora do remédio e fala pra dar de mamar* (Castanha Vermelha). *De vez em quando,*

as enfermeiras vêm dar o remédio a gente quando precisa, quando as mães estão sem leite, elas vêm dar o leite, toda vida elas dão atenção assim, aqui o cuidado com a criança é só o remédio (Azul Seda). *Elas só dão a medicação, vem olhar como a criança tá, se ela já mamou, tira a pressão, se a criança não tiver mamando, pega leite lá no banco de leite* (Flambeau).

Nota-se ainda que o público-alvo da assistência adota postura passiva, ou seja, as puérperas aceitam tudo que está sendo feito sem argumentar com os profissionais e sem participarem das ações desenvolvidas. Ao contrário disso, para que a atenção de enfermagem seja considerada de qualidade, é preciso pôr em prática meios que considerem cada puérpera como seres individuais, capazes de participar e argumentar⁽¹¹⁾.

Os cuidados de enfermagem precisam estar organizados a partir de ações que visem operacionalizar a atenção integral, destituindo as ações isoladas e fragmentadas, puramente tecnicistas e preocupadas com o cumprimento de tarefas, as quais não estimulam a independência e a capacidade do indivíduo em colaborar com a promoção da sua saúde e de sua família.

Vale destacar que as depoentes também consideram em suas falas, a limpeza da sala (enfermaria) como tarefa de enfermagem. Esses dados podem estar representando o desconhecimento que as jovens têm acerca do processo de trabalho da enfermagem, até mesmo pela inexistência ou pouca frequência de trabalhos dessa área profissional organizados para a clientela adolescente. Fica evidente, inclusive, que a assistência do enfermeiro não é sequer diferenciada pelas entrevistadas entre os outros profissionais inseridos no processo de trabalho de enfermagem. Nas falas citadas anteriormente, são informadas em sua grande maioria, apenas as atividades desenvolvidas pelas técnicas de enfermagem, que são chamadas de enfermeiras pelas puérperas.

Não é reconhecido o processo de trabalho do enfermeiro na assistência puerperal, que deve consistir em: promover os cuidados gerais e locais, avaliando o estado físico e mental da adolescente, observando

questões como o repouso, deambulação, alimentação, eliminação intestinal, vesical e de lóquios (quantidade, coloração, aspecto), preparando-as para a alta hospitalar e orientando-as quanto aos cuidados com as mamas, com o períneo, atividade sexual, consulta puerperal, planejamento familiar, acompanhamento da saúde do bebê⁽¹²⁾.

No puerpério, o enfermeiro é responsável pela organização qualificada dos cuidados desenvolvidos pela equipe de enfermagem e deve atuar frente a procedimentos técnico-científicos mais complexos que sejam necessários eventualmente. O cuidado não prescinde também de uma atenção voltada para os aspectos sociais e subjetivos, para o estar junto das jovens mães que se encontram, inclusive, num período de vulnerabilidade a problemas psicológicos e emocionais, como a depressão puerperal.

Afirma-se ainda que a principal abordagem assistencial dos profissionais no AC é prover educação e orientação em saúde para que as mulheres obtenham confiança e tranquilidade em assumir o papel delas como mães. Este perfil de paciente não exige equipamentos sofisticados ou maiores procedimentos e isto faz com que alguns administradores classifiquem esta assistência como cuidados de enfermagem mínimos. Contudo, é exigido que os profissionais sejam hábeis em comunicação significativa, disponibilidade, monitoramento, avaliação e que tenham uma postura de aceitação, o que leva tempo e competência profissional⁽¹³⁾.

Enfim, a individualização de cada sujeito na organização da assistência de enfermagem deve direcionar como as ações serão planejadas e desencadeadas em cada caso em particular, sendo possível a partir dessas ações que haja vínculo frutífero entre ambas as partes: as puérperas têm suas demandas específicas atendidas, tornando-se ainda participantes ativas de seu próprio cuidado e os enfermeiros tornam-se reconhecidos pelo seu verdadeiro trabalho.

Por conseguinte, as adolescentes relacionam também o fato de serem chamadas pelos seus nomes

a um bom atendimento. Porém, muito mais que isso, vem sendo apreendido que a atenção da enfermagem no puerpério deve contemplar ações que atendam de modo integral à mulher e ao filho, de maneira humanizada. Tal humanização se configura no atendimento das necessidades dessas mulheres, respeitando-as enquanto sujeitos⁽¹¹⁾.

Por outro lado, destaca-se como um achado positivo da pesquisa, o estímulo ao aleitamento materno por parte da enfermagem, algo constante na fala de algumas puérperas, que tratam este fato como algo que qualifica como ótima, a atenção prestada. *As enfermeiras vêm colocar pra eu dar de mamar, dar banho no bebê, dar atenção quando a gente precisa de alguma coisa* (Rabo de Andorinha). *Dá muita atenção, cuida bem, tudo ótimo, me examina, examina o bebê, olha como tá meu peito, se dá pra eu dar de mamar, olha minha pressão, dão o remédio, dão leite pro bebê* (Monarca). *Vem ensinar que tem que botar pra mamar de 2 em 2 horas, cuida bem da gente, troca os lençóis, pergunta como a gente tá* (Lua).

O incentivo ao aleitamento materno é fundamental para a promoção e proteção da saúde integral da mulher e da criança, uma vez que o leite humano é considerado alimento ideal para a criança nos primeiros meses de vida em virtude de suas propriedades nutricionais e anti-infecciosas, além das vantagens psicossociais da prática do aleitamento para mãe e filho⁽¹⁴⁾.

Além disso, em estudo realizado sobre qualidade da amamentação com mães adolescentes no Paraná, foi possível visualizar que é preciso apoio e acompanhamento do aleitamento entre essas mães, pois, mesmo sendo um ato valorizado e importante para elas, ocorreram dificuldades, como fissuras, atestando que a orientação restrita ao pré-natal não é suficiente para evitar o desmame⁽¹⁵⁾. Daí, sugere-se a importância de se continuar incentivando a prática do aleitamento também durante a permanência da adolescente na maternidade.

Todavia, ressalte-se novamente que se percebe ainda, nas falas anteriores, um certo tom impositivo

em relação aos cuidados desenvolvidos pela enfermagem, como Lua citou sobre ter que botar pra mamar de 2 em 2 horas. Observa-se também certa dependência da adolescente em relação aos procedimentos realizados, como no depoimento de Geminha, mencionando que as enfermeiras mandam tomar banho, e no relato de Rabo de Andorinha, citando que as enfermeiras vêm colocar pra ela amamentar, em que se fala pouco sobre orientações que as puérperas precisarão discutir a partir de sua vivência, a fim de darem continuidade aos cuidados em seus domicílios.

Assim, afirma-se que “... para que uma mulher possa amamentar com sucesso, ela precisa se sentir confiante e acreditar que pode fazê-lo. É importante, ainda, identificar os conhecimentos, crenças e atitudes que a mulher possui em relação à amamentação, que tipo de experiência tem ou se já vivenciou esse momento”^(15:318).

Neste sentido, não basta apenas pôr a criança no colo da mãe e dizer a esta que ponha o bico do peito na boca da criança. A amamentação, assim como o próprio puerpério (do qual a lactação faz parte), constitui em um processo que merece atenção aos aspectos não só fisiológicos relacionados, mas também, aos culturais e emocionais, e precisa ser orientado pelos profissionais a partir da vivência da puérpera para que esta reflita sobre tal condição.

Ausência do apoio profissional

Diante do que vem sendo compreendido, o apoio do profissional durante o período pós-parto, é então, de fundamental importância para as adolescentes. Estas confirmam em meio às falas, que esse apoio é relevante para que se sintam mais seguras e mais confiantes, para dar continuidade aos cuidados com ela e com o bebê quando saírem da maternidade.

Porém, vale ressaltar agora a presença de um fato novo, ou seja, uma perspectiva de lacuna no que se refere à assistência de enfermagem, o que se diferencia das falas da categoria anterior que trouxe uma

boa avaliação dos cuidados de enfermagem. Outros depoimentos são apresentados a seguir: *Acho que deveria ter uma pessoa na sala pra ficar acompanhando as adolescentes, como foi que ela deu de mamar, como foi que ela cuidou do seu bebê, se estava alguém com ela* (Flambeau). *Deveria ser mais assim, ensinar como cuidar do bebê, porque tem mãe adolescente aqui que não sabe de nada, pois agora nós vamos viver um mundo totalmente diferente, deveria ter mais assim, assistência* (Lua).

Longe da família, as adolescentes sentem-se sozinhas. No entanto, ao receberem ajuda de um profissional, este sentimento de solidão pode ser amenizado. “... A necessidade de ter o profissional junto de si, é diferencial para a construção do sentimento de ser acolhida e de ser cuidada”^(11:89). Deste modo, as falas refletem o que já foi discutido anteriormente, que o desencadeamento de atividades isoladas e fragmentadas não oferece suporte para incitar a puérpera adolescente a se tornar mais segura e independente e, conseqüentemente, para promover sua saúde.

Desta forma, as puérperas adolescentes apontam a falta do diálogo, da conversa, da ajuda e da presença do enfermeiro junto às mesmas e relatam, então, a necessidade de serem ouvidas, de serem orientadas, pois o momento pelo qual passam, implica em uma série de mudanças inesperadas em sua vida, causando ansiedade em muitas delas. *Queria que elas conversassem mais com a gente, desse mais um apoio* (Castanha Vermelha). *Deve tá sempre orientando e vindo aqui onde a gente tá* (Rabo de Andorinha). *Era pra de vez em quando vir uma pessoa aqui. Era pra ter uma enfermeira pra ajudar* (Atlas). *Eu acho que deveria melhorar assim, as enfermeiras deveriam ficar mais um pouco aqui* (Parides).

As falas das adolescentes expressam que elas sentem a falta de apoio. Na categoria anterior, elas apenas responderam o que a enfermagem desenvolve, demonstrando satisfação com as ações. Porém, nesta categoria, elas conseguem revelar um pouco mais do que isso, relatando uma incompletude na assistência prestada.

Desta maneira, apreende-se que as manifestações de cuidado, o apoio e a presença constantes, o

ensino, o estabelecimento de vínculo e de confiança significam muito para elas. Tudo isso permite que as puérperas se autoafirmem enquanto mães.

“A priorização da comunicação requer do profissional uma mudança de foco e atitude: do fazer para o escutar, perceber, compreender, identificar necessidades para, então, planejar ações. Nesta perspectiva, o escutar não é apenas ouvir, mas permanecer em silêncio, utilizar gestos de afeto e sorriso que expressem aceitação e estimulem a expressão de sentimentos. Perceber constitui não apenas olhar, mas atentar e identificar as diferentes dimensões do outro, por meio de suas experiências, comportamentos, emoções e espiritualidade. Contudo, percebe-se, ainda, na prática do enfermeiro a ausência da valorização do relacionamento pessoal e da adequação ao uso da comunicação no contexto do cuidado”^(16:4).

Neste sentido, é importante salientar que o apoio do profissional deve estar presente em todos os momentos da maternidade na adolescência, não devendo contemplar apenas ações técnicas, muito menos desvinculadas umas das outras. Na verdade, esta atenção às necessidades sócio-culturais e emocionais da adolescente precisa acontecer antes mesmo dela engravidar, para que as demandas dessa faixa etária possam ser melhor conhecidas e atendidas e, a gravidez, o nascimento e o pós-parto da jovem, possam ser uma continuidade de uma assistência integral.

Ressalta-se também que se visualiza entre as adolescentes, uma ambigüidade no que diz respeito à percepção das mesmas sobre a assistência de enfermagem, pois, na categoria anterior elas descrevem a assistência como sendo boa e, nesta categoria, já expõem a necessidade de apoio profissional. Este dado pode ser explicado por certa dificuldade da jovem em analisar os fatos ao seu redor, o que pode estar relacionado com a idade da puérpera, com a inexperiência acerca do momento vivido e ainda com uma forte demanda por atenção planejada e sistematizada por parte da equipe de enfermagem.

Além disso, explica-se que muitas estão vivendo a maternidade pela primeira vez, constituindo-se, dessa forma, num elemento novo na vida das mesmas que desconheciam até então, a realidade de uma maternidade, seus direitos, as ações que devem ser desenvolvidas neste espaço de assistência, os profissionais e suas competências específicas.

Por último, outro destaque é o fato de não serem diferenciados novamente os papéis do enfermeiro e dos técnicos na assistência, sendo as técnicas de enfermagem chamadas pelas adolescentes, de enfermeiras, bem como as atividades desenvolvidas pelos profissionais da limpeza, como sendo realizadas pela enfermagem.

Deveria ter um lugar só para mães adolescentes

Muitas adolescentes revelaram o desejo de estar em um local em que houvesse apenas mães adolescentes, pois, vivendo o mesmo momento, poderiam compartilhar a experiência. *Poderia, colocando a gente numa sala só de mães adolescentes com nossos bebês* (Castanha Vermelha). *Acho que a gente que é adolescente devia ficar numa sala só com adolescentes, era melhor até pra gente conversar umas com as outras, pois estamos vivendo a mesma coisa* (Oriental).

Ademais, além da necessidade de um ambiente exclusivo para mães adolescentes, as mesmas voltam a apontar a ausência e, conseqüentemente, a demanda por profissionais que possam acompanhá-las na enfermaria; uma enfermeira para ensinar cuidados a serem realizados com os bebês. *Precisa de alguém que fique na sala mesmo, acompanhando cada adolescente* (Flambeau). *Deveria ter uma enfermeira pra ajudar a ensinar a amamentar, alguns cuidados que a mãe ainda não sabe com o bebê* (Azul Seda).

Enfim, concorda-se com a noção de que um ambiente no sistema de alojamento conjunto que possa ser exclusivo à mãe adolescente e ao seu bebê, tenha condições de favorecer a realização de ações de promoção mais direcionadas a este grupo em específico, contribuindo com a otimização da assistência da

equipe e atingindo às necessidades de atenção, conforto, apoio emocional e segurança das jovens mães e de sua família.

Porém, ratifica-se as últimas falas de Flambeau e de Azul Seda e acrescenta-se também que havendo ou não a presença de um local só para mães adolescentes, faz-se necessário um trabalho ordenado, sistemático, humanizado de uma equipe de enfermagem preocupada em tentar atender as necessidades singulares da maternidade na adolescência, que estão associadas com o ser adolescente em particular e com o próprio fenômeno da gravidez, ambos condicionados por elementos biológicos, afetivos e sócio-culturais presentes na vida de cada mulher.

Nesta perspectiva, faz-se coerente concluir que o cuidado exercido pela enfermeira pode contribuir no espaço do AC para a mulher resgatar sua autonomia, no período em que tem necessidade de voltar-se para si mesma, em busca da tranquilidade precípua ao desenvolvimento do cuidado materno e à absorção de novos elementos que a ajudem a entender o encantamento da vida⁽¹⁷⁾.

Assim, durante o processo da maternidade na adolescência, o profissional deve estar disponível para compartilhar a troca de sentimentos em relação à puérpera-adolescente, permitindo a esta que esclareça suas dúvidas, falando de seus anseios e preocupações⁽⁴⁾. Portanto, espera-se um serviço de AC que conte com uma equipe coletiva composta por enfermeiros e outros profissionais, que desde a recepção, estejam atentos à importância de se integrar para se trabalhar na perspectiva da promoção da saúde da adolescente mãe e de seu filho, visualizando-se o puerpério da jovem como um período que vai além dos acontecimentos biológicos, envolvendo ainda aspectos subjetivos e sócio-culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo foi retratada a assistência de enfermagem no AC, na visão das mães adolescen-

tes, sendo percebido sentimento de ambigüidade nos discursos das entrevistadas. Ora elas trazem elementos da assistência, relacionados com a abordagem da amamentação e o exame das mamas, com a oferta de medicamentos, verificação da pressão, banho, entre outros, e, os consideram positivos. Noutro momento, elas expõem a falta de apoio do profissional, deixando explícito nas falas, o desejo de mais diálogo, apoio, atenção por parte do profissional, sugerindo a possibilidade de ter um lugar só para as puérperas adolescentes, onde as mesmas possam ficar conversando entre si, compartilhando dúvidas, experiências, angústias e anseios, aprendendo sobre cuidados com o bebê. Isto demonstra, inclusive, a importância que têm a conversa e a escuta para o puerpério dessas mães, proporcionando-se, sobretudo, o bem-estar das adolescentes, atendendo as suas necessidades emocionais.

Visualizou-se que a ambigüidade presente nas falas está associada a uma forte demanda por uma atenção planejada e sistematizada da equipe de enfermagem, assim como à pouca experiência das jovens, tanto pela idade em que se encontram, como pelas incertezas do momento vivido, sem se esquecer de que, muitas estão vivendo a maternidade pela primeira vez, constituindo-se, dessa forma, num elemento novo na vida delas.

É importante enfatizar também, que a família é o alicerce para que a adolescente possa construir cada vez mais, sentimentos de segurança acerca de seu novo papel, o de ser mãe, sendo fundamental a presença e a participação de todos neste momento.

Além disso, notou-se que não há dissociação entre o papel da enfermeira e o da técnica de enfermagem, por parte das puérperas. O termo enfermeira é usado para as duas categorias e quando descritas as ações da assistência no AC, percebe-se que o trabalho mencionado é em grande parte, aquele realizado pelas técnicas de enfermagem. Outra dissociação que não é feita é a do trabalho da enfermagem em relação ao trabalho da pessoa responsável pela limpeza das enfermarias.

Outro ponto relevante é o fato do desenvolvimento de ações puramente curativas por parte da enfermagem voltada à jovem mãe. Quando é realizada alguma orientação, como em relação à amamentação (aspecto muito importante para a vida da mãe e do bebê), é concretizada de forma pontual, fragmentada, impositiva e dissociada de outras ações, não sendo vistas a integralidade e a promoção da saúde nas atividades desenvolvidas.

Neste sentido, apreende-se que no alojamento conjunto, deve estar sendo desenvolvida pelo enfermeiro, uma assistência que dê continuidade às ações iniciadas no pré-natal, que proporcione, dessa forma, maior segurança às adolescentes, promovendo a saúde das puérperas e dos recém-nascidos. Um trabalho sistematizado pelos enfermeiros, no âmbito do AC, de cunho não só técnico-curativo, como educacional, promocional, valorizando-se as perspectivas subjetivas e os elementos culturais da vida das mães, pode favorecer, inclusive, que estas últimas reconheçam esses profissionais em seu processo de trabalho.

Por último, ratifica-se a importância de se incentivar a participação das adolescentes nas ações, reforçando a autonomia das primeiras no envolvimento com os cuidados prestados a ela e ao seu filho, desde a concepção, passando pela maternidade e após o parto, em outras oportunidades de assistência.

Os resultados encontrados sugerem, portanto, a realização de novos estudos sobre a maternidade e a vivência do período puerperal na adolescência. Os achados favorecem também o desenvolvimento de projetos de intervenção da enfermagem, em relação à maternidade nessa faixa etária, como no que diz respeito ao planejamento de um trabalho sistematizado e direcionado às puérperas adolescentes no AC e à inclusão de pessoas que tenham vínculos afetivos com a adolescente, em ações previstas para o pré-natal, parto e pós-parto.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília; 2007 [acesso 2009 jun 22]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0471_M.pdf.
2. Yazlle MEHD. Gravidez na adolescência. *Rev Bras Ginecol Obstet*. 2006; 28(8):443-5.
3. Carvalho AYC, Ximenes LB, Fontenele FC, Dodt RCM. Perfil sóciodemográfico e reprodutivo de adolescentes grávidas acompanhadas na Unidade Básica de Saúde do município de Canindé. *Rev Rene*. 2009; 10(1):53-61.
4. Bergamaschi SFF, Praça NS. Vivência da puérpera-adolescente no cuidado do recém-nascido, no domicílio. *Rev Esc Enferm USP*. 2008; 42(3):454-60.
5. Ministério da Saúde (BR). Normas básicas para alojamento conjunto. Brasília: Ministério da Saúde; 1993.
6. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
7. Corona MBEF, Carvalho EC. Significado de la enseñanza del proceso de enfermería para el docente. *Rev Latino-am Enferm*. 2005; 13(6):929-36.
8. Carvalho EC, Bachion MM. Processo de enfermagem e sistematização da assistência de enfermagem — intenção de uso por profissionais de enfermagem. *Rev Eletr Enferm*. 2009; 11(3):466.
9. Silva MA, Oliveira AGB, Mandú ENT, Marcon SR. Enfermeiro & grupos em PSF: possibilidade para participação social. *Cogitare Enferm*. 2006; 11(2):143-9.
10. Moura FMJSP, Crizostomo CD, Nery IS, Mendonça RCM, Araújo OD, Rocha SS. A humanização e a assistência de enfermagem ao parto normal. *Rev Bras Enferm*. 2007; 60(4):452-5.
11. Almeida MS. Assistência de enfermagem à mulher no período puerperal: uma análise das necessidades como subsídios para a construção de indica-

- dores de gênero [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2005.
12. Costa MCG. Puerpério: a ambivalência das estratégias para o cuidado [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2001.
13. Soares AVN, Gaidzinski RR, Cirico MOV. Nursing intervention identification in rooming-in. *Rev Esc Enferm USP*. 2010; 44(2):307-16.
14. Andrade MP, Oliveira MIV, Bezerra Filho JG, Bezerra MGA, Almeida LS, Veras MAC. Desmame precoce: vivência entre mães atendidas em Unidade Básica de Saúde em Fortaleza-Ceará. *Rev Rene*. 2009; 10(1):104-13.
15. Sepka GC, Gasparelo L, Silva ABE, Mascarenhas TT. Promoção do aleitamento materno com mães adolescentes: acompanhando e avaliando essa prática. *Cogitare Enferm*. 2007; 12(3):313-22.
16. Mourão CML, Albuquerque MAS, Silva APS, Oliveira MS, Fernandes AFC. Comunicação em enfermagem: uma revisão bibliográfica. *Rev Rene*. 2008; 10(3):139-45.
17. Pilotto DTS, Vargens OMC, Proganti JM. Alojamento conjunto como espaço de cuidado materno e profissional. *Rev Bras Enferm*. 2009; 62(4):604-7.

RECEBIDO: 19/07/2010

ACEITO: 21/10/2010